



ACADEMIA JOINVILENSE

1969

Suplemento Literário

HEKADEMEIA

08

NOSSO CONCURSO LITERÁRIO

Vol. 2 – No. 6 – Joinville, junho de 2017

Hekademeia Vol. 2, No. 6

SUMÁRIO

Apresentação	3
Contos	6
Poesias	31
Memórias Literárias	42

Estes textos aqui publicados foram escritos por estudantes classificados no primeiro **Concurso Literário CARLOS ADAUTO VIEIRA**, da Academia Joinvilense de Letras. Estão em sua forma original, sem correções, exatamente como as crianças e adolescentes das escolas municipais, estaduais e particulares de Joinville os escreveram. São gente talentosa, com idades variando entre 14 e 17 anos de idade, cujo grande valor para nós está na CRIATIVIDADE.

***HEKADEMEIA** é forma original e mais antiga da palavra Akademia. Era um bairro distante pouco mais de um quilômetro da Acrópole de Atenas, dedicado ao herói grego Akademos (em latim Academus) e à deusa Palas Atena, uma planície onde havia jardins e bosques sagrados de oliveiras. Ali Platão possuía um terreno, no qual reunia seus discípulos para transmitir-lhes seus ensinamentos. Daí surgiu, por evolução, o conceito de Akademia, como um lugar e uma congregação onde se reúne a nata da intelectualidade local.*

HEKADEMEIA é um Suplemento Literário mensal, publicado pela Academia Joinvilense de Letras, para possibilitar a comunicação de seus acadêmicos com os leitores em geral de todo o mundo lusófono. Soma-se, assim, aos livros-coletânea ENSAIO e à revista ENSAIO, seus parentes AJL mais volumosos e de maior circulação.

Este oitavo número de Hekademeia apresenta trabalhos de gente muito jovem. Ainda não são nossos acadêmicos e, ao que parece, é a primeira vez na vida que qualquer um deles é publicado. Começam bem esses meninos e meninas, tendo seus textos impressos numa publicação de uma Academia de Letras.

Não são nossos acadêmicos, mas, pelo que apresentaram em seu – digamos assim – estado inicial, bem poderão vir a sê-lo um dia. Nossa intenção, ao abrir-lhes esta oportunidade de participação em um concurso literário, foi exatamente a de garimpar diamantes em bruto, cujo brilho, faiscando ao sol da criatividade, promettesse um grande potencial para lapidação.

E estes 18 estudantes, classificados entre os 71 que foram inscritos no concurso, realmente prometem! Leia-os com a compreensão que ainda estão no começo de suas trajetórias e não lhes exija ainda a perfeição. Evitamos ao máximo fazer correções, exibindo as jóias potenciais ainda *in natura*, o que lhes acresce o valor. Temos trabalhos de estudantes do Ensino Médio, nas categorias Conto e Poesia. E do Ensino Fundamental, 6º a 9º anos, na categoria Memórias Literárias. Os vencedores receberam prêmios em dinheiro e seus professores também. E terão acesso a nossas oficinas de conto, poesia e crônica.



A Academia Joinvilense de Letras funciona, desde 2014, no belíssimo prédio histórico da Sociedade Harmonia Lyra, no centro da cidade – à Rua 15 de Novembro, 485.

Aí se desenrolam as sessões ordinárias e extraordinárias, os Cafés Acadêmicos, as Assembleias e, em seu Salão Nobre, a extraordinária Sala Mozart, os importantíssimos eventos artístico-literários, os SARAUS da AJL.

No terceiro andar desse colosso arquitetônico está a nossa sede, com a grande sala de reuniões, biblioteca e a sala de aulas, onde são ministrados nossos cursos e oficinas, tanto para acadêmicos, escritores e aspirantes a escritor em geral, como para estudantes do ensino fundamental e médio e do ensino superior.

Categoria CONTOS – Ensino Médio

1º. LUGAR

AS PROVAÇÕES DE ÁRTEMIS

Gabriela Henkemeier (1ºano ENSINO MÉDIO)

Professor: Tauann Calil Medeiros

Escola: Centro Educacional Machado de Assis

Ártemis, deusa da lua, da caça e protetora das jovens, que vagava pelas florestas do mundo à procura de caça e batalhas para se vangloriar, conheceu um caçador, que ansiava por permissão para caçar em suas florestas. Ártemis, em um ato de benevolência, permitiu que assim o fizesse, com uma condição: não chegasse perto da clareira onde ela e suas caçadoras repousavam.

Mas esse caçador, impressionado com a destreza da deusa e movido pela curiosidade, esperou até o fim da tarde e, seguindo-a até a clareira, teve seu destino selado.

Chegando à clareira, escondeu-se atrás das densas árvores que a rodeavam e avistou Ártemis e suas caçadoras reunidas comendo e bebendo; perguntou a si o que haveria de errado em vê-las em tal ato. As horas passavam e ele cada vez mais absorto na cena que via, até que Niobe, uma caçadora de Ártemis, o confronta, ameaçando entregá-lo à deusa, que, movida pela ira, indubitavelmente o mataria. O caçador, desesperado, suplica por misericórdia e promete fazer qualquer coisa se fosse libertado. Niobe, receosa, deixa-o ir, em troca de um pequeno favor: que ele a ensinasse os costumes e tradições humanas.

E assim começou uma grande amizade, que com o decorrer do tempo, virou o amor mais puro e singelo já visto neste mundo.

Niobe, consciente de que se Ártemis os descobrisse iria se vingar, porém perdidamente apaixonada pelo caçador, no meio de encontros e cortejos, decidiu que com seu amor fugiria. Planejaram tudo, desde a fuga até o final feliz na cidade natal de seu amado.

Entretanto, não seria tão simples assim, a fúria de uma deusa pode ser avassaladora quando posta em prova, e Niobe, mais do que qualquer pessoa, sabia disso. Perdeu a conta de quantas vezes viu homens e mulheres perecerem por subestimarem sua mestra. No coração de Niobe, além do amor pelo caçador, também o medo habitava. Receosa, pensou em alternativas que não provocassem Ártemis. Pensou até, em sua ingenuidade, que poderia falar com a deusa, explicar o seu amor e assim ser livre para senti-lo.

Ao chegar à clareira, Niobe avistou Ártemis e contou-lhe sobre seus sentimentos, e, esperando o pior, surpreendeu-se ao notar que esta lhe parecia apenas apreensiva. Ártemis, por conhecer suas caçadoras muito bem, sabia que o que Niobe sentia era verdadeiro. Temia, porém, que o caçador, como outros antes, só a estivesse enganando.

Dito isso, a deusa pediu para que sua caçadora permitisse testar seu amado, para, assim, ter certeza da reciprocidade do amor. Niobe sabia que essa seria sua única chance, e aceitou as provações de Ártemis. Não seriam muitas, porém, todas árduas para o jovem caçador.

No dia seguinte, Ártemis disfarçou-se como uma das ninfas que por ali habitava e foi à procura do caçador, disposta a enganá-lo para obter a verdade sobre o amor que ele jurava arder no seu peito.

Ao avistá-lo, pôs-se a cantar, pois, dentre todas as criatu-

ras mitológicas, as que possuíam o canto mais doce eram as ninfas e sereias, abençoadas pelas musas. Ao ouvir canto tão belo e melancólico, o caçador foi ao seu encontro, e, esperando-a terminar a canção, perguntou-a o porquê de melodia tão triste.

Ártemis, ao notar que tinha prendido a atenção do jovem, chorou e disse-lhe que se sentia muito só naquela floresta e que, por anos, ansiava por um amor que a fizesse suspirar. Dizia que já não conseguia cantar músicas alegres, que tanto falavam sobre a beleza deste mundo, pois, há tempos, já não a via.

O jovem, ao sentir sua tristeza, perguntou se poderia ajudá-la de alguma forma.

A deusa, fitando-o por alguns minutos, implorou para que ele a amasse, coisa que o jovem não atendeu, dizendo-lhe que não poderia escolher amar alguém assim, de súbito, pois amor é ramo que floresce no peito a cada dia, a cada verso desse poema que é amar.

A deusa, ao ver que o jovem não desistiria assim tão fácil, assentiu e, esperando o caçador ir embora, transformou-se novamente, frustrada, sem acreditar ainda nas palavras do rapaz.

Sua segunda provação foi mais difícil. Alguns dias depois, pediu para que uma das caçadoras o chamasse aos seus aposentos, pois queria conversar com ele.

Ao chegar, questionou-a ele sobre o motivo de estar ali. Ártemis disse-lhe que conversou com Niobe, que confessara sobre os planos do casal de fugir e tentar uma vida longe da fúria da deusa.

O caçador, temendo por sua vida e pensando que esta o convocara ali para matá-lo, implorou piedade por ele e a amada. No entanto, a deusa tentou explicar a ele que na realidade queria

fazer-lhe uma proposta irrecusável.

Disse que estava disposta a dar-lhe a imortalidade, levando-o ao Olimpo se este deixasse sua caçadora para trás.

O jovem, consternado pela proposta, sem ao menos refletir, recusou, dizendo que, ao chegar a certa idade, os humanos não são mais do que um exército de corações partidos e almas doloridas, buscando desesperadamente pela harmonia; e que ele encontrara o que buscava em Niobe. Falou-lhe sobre o seu amor por ela, que a cada dia só fazia aumentar.

Ártemis, impressionada pela audácia do caçador ao recusar tamanha oferta, enfureceu-se, e empunhando sua espada, chamou-o para combate.

Ele, sabendo que não teria chances contra uma deusa, pensou em fugir, mas não deixaria que nada de ruim acontecesse àquela que era motivo de seus suspiros; e, buscando coragem em seu âmago, desembainhou a espada e foi ao encontro do seu destino.

A luta foi longa, o caçador, com o suor escorrendo pelo corpo, dava tudo de si. No entanto, Ártemis não aparentava cansaço. A defesa da deusa era perfeita, disso ele sabia. A espada forjada por Hefesto, a mais resistente já feita, era imbatível. Sua armadura era perfeita, indestrutível, e o fato de estar sendo usada por uma deusa agravava muito a situação. Ele não fora preparado para tal embate, sua espada fora criada para cortar carne, ossos e, em alguns momentos, metais. Mas nada o teria preparado para isso, ninguém previu que ele seria obrigado a lutar contra uma deusa.

Entre golpes e gritos, sangue derramado. Não era o sangue dourado dos deuses. O caçador caiu, mas antes de ter sua vida tirada, pediu para que a deusa cuidasse de sua amada.

Muitos contam essa história, mas poucos sabem o que realmente aconteceu. Alguns dizem que Afrodite, que passava por ali, interferiu, e salvou o caçador, mas a verdade, é que Niobe, seu grande amor, o encontrou, e disse para Ártemis, que, se fosse para matá-lo, deveria tirar sua vida também, pois não havia alegria em viver, se não fosse com ele.

A deusa, enfim entendendo que o amor desses jovens era verdadeiro e que nada nesse mundo, nem mesmo a morte, iria conseguir por um fim a esse sentimento, salvou o caçador, e abençoou seu amor, que tanto foi testado.

Eles viveram por muito tempo, e não houve dias em que os dois se arrependessem pela escolha.

Como eu sei disso? Bem, eu estava lá. Eu sou Niobe.

2º LUGAR**A BRUXA****Marcos Daniel Gomes de Lins****Professora: Viviane Siqueira****Escola: Sociedade Educacional Santo Antônio**

Apesar do frio, seus músculos queimavam, o suor quente escorria pelo seu rosto e pingava no chão coberto de neve; a noite já havia caído e Ham continuava correndo, seus passos rápidos e cambaleantes às vezes eram surpreendidos por uma raiz qualquer no chão. Caiu. Seus pés se enroscaram em uma raiz e ela caiu, batendo o queixo no chão; o sangue escorrendo pelo queixo já havia criado uma mancha avermelhada na neve nem tão fofa assim. Ela se arrastou para a árvore mais próxima, se encostou no tronco e puxou as pernas para mais perto de si, abraçando-a;, tremia muito, o frio era intenso e o sangue continuava a escorrer de seu queixo. Ela jogou a cabeça para trás com força, de encontro ao tronco da árvore, Ham era fraca e tinha medo da morte.

Já fazia algum tempo que isso vinha acontecendo, todos olhavam estranho para ela, sua habilidade de fazer chás para os doentes agora era uma ameaça. Se caísse nos ouvidos da Inquisição que ela fazia chás milagrosos, com certeza seria tida como bruxa e morta como tal, em uma fogueira. Por isso ela tentava ao máximo ficar em casa e esse dia era um dia bem normal. Ham tentava colher algumas frutas que não haviam congelado na pequena horta particular, enquanto sua filha, Martha, brincava com as duas magras ovelhas da família. Ham pensava no marido, em quando ele retornaria da fazenda do

senhor do feudo, de quanto sentia falta de vê-lo todos os dias ao acordar, mas seus pensamentos foram dispersos pela pequena Martha, que puxou a barra do vestido da mãe:

- Mãe, porque aqueles cavaleiros estão vindo para cá?

Ham se virou subitamente e ao longe, viu três cavaleiros vestindo armaduras de aço negro e escovado, vindo em direção da casa; rapidamente ela mandou a filha entrar e se esconder e saiu correndo em direção à floresta.

Agora estava sentada, encostada em uma árvore, tremendo de frio, com a tensão aumentando enquanto o vento gélido trazia o som dos cavalos e dos cães, como um sussurro, aos seus ouvidos:

– Saia do seu esconderijo, bruxa imunda! – Uma voz grossa bradou, não muito longe dali – Seus vizinhos nos contaram sobre suas poções milagrosas! Saia já daí!

Ham estava se esforçando ao máximo para não se mover, mas era difícil conter o frio, ela continuava tremendo enquanto seu estômago roncava de fome; ela não aguentava mais, já estava pensando em se entregar só para acabar com isso, ela era fraca, mas já não tinha medo da morte. Passou um tempo, Ham continua no mesmo lugar, seu corpo lutava para se manter aquecido, mas estava perdendo a luta para a natureza, ela já não sentia mais seus pés, muito menos os dedos, não demoraria muito para sucumbir ao frio.

- Ali, atrás daquela árvore! – Um dos soldados gritou

Ham se assustou. Como não havia notado ele por perto?

Ela se levantou e tentou correr, mas caiu no chão, ainda meio desnordeada; tentou se levantar de novo, mas não sentia mais seus pés, se arrastava pela neve enquanto dois cavaleiros se aproximavam dela, puxando as espadas da bainha, Ham continuava tentando se arrastar para longe enquanto implorava por misericórdia, mas os soldados pareciam rir da cara dela. Tentou se levantar de novo, mas sentiu uma pancada seguida de uma dor lancinante na panturrilha, sentiu o sangue quente escorrer pela perna, ela caiu e continuou tentando se arrastar com os braços, deixando um rastro de sangue por onde passava, mas era inútil resistir. Parou, os cavaleiros se aproximaram e a viraram. Ela gritava e se contorcia de dor, enquanto um dos cavaleiros amarrava suas pernas e outro, seus braços. Então uma pancada na testa a fez perder a consciência aos poucos, e tudo foi escurecendo.

Os gritos de uma multidão enfurecida a acordaram, seus olhos se abriram lentamente. Ela estava amarrada a um poste de madeira; embaixo de si, muita lenha, esse era seu fim. A platéia gritava, “bruxa!”, “herege!”, “imunda!”. Outros tacavam pedras. Ham ficava estática, enquanto via sua filha desesperada no colo do marido, as lágrimas corriam soltas, junto com o sangue das pedradas, esse era literalmente o fim, não havia mais nada a fazer. O carrasco estava todo vestido de couro preto, na sua mão uma tocha acesa. Ham tentava soltar as mãos enquanto ele se exibia ao público, mas não deu, ela estava fadada a morrer. O carrasco se virou para ela e acendeu a fogueira. O fogo começou a subir; então seu vestido começou a pegar fogo, os gritos de dor

e de agonia vinham tanto de Ham, quanto de sua filha, que assistia tudo.

Um tempo depois, os gritos foram cessando, Ham tinha morrido. Martha estava em prantos no colo do pai, não conseguia acreditar nisso, sua mãe era inocente, e agora não era mais nada.

Aquela noite passou, Martha continuava muito abalada, chorando direto, o pai tentava consolá-la, mas era inútil, sua dor era compartilhada. Martha deixou seu pai enxugar suas lágrimas, ele lhe deu um beijo na bochecha e a pôs para dormir, quando ele ia apagar a lamparina ela o olhou e disse:

– Papai, a culpa é minha!

– Martha! Não fale uma coisa dessas, a culpa não é de ninguém, sequer do clero!

– Mas pai, ela morreu por mim, ela pagou pelos meus pecados, a culpa é minha! Conta logo a verdade para eles pai! Eu não gosto de ser assim.

– Não! Ela te disse que nós temos que proteger esse segredinho, eu e sua mãe havíamos combinado que iríamos fazer de tudo para manter você a salvo; e fizemos. Nós precisamos guardar esse segredo, pelo teu bem. Agora vá dormir, eu te amo!

- Eu também te amo, pai.

Ele sai do quarto, Martha ainda com os olhos inchados de chorar, se virou no escuro, abriu a janela e ficou observando o céu estrelado, “Você não pode fugir de quem é Martha” – ela

ouviu a voz da mãe em sua cabeça – “Nós vamos te amar de todo o jeito, mas você não pode mudar quem é, nós sempre te amaremos de qualquer jeito, minha bruxinha linda!”

Ela se emocionou ao lembrar dessa cena e, pela primeira vez desde que nasceu, se sentiu feliz por ser uma bruxa.

3º LUGAR

A BABÁ

Maria Luisa Machado Serpa

PROFESSORA: Leila Mattos Sombrio Knabben

ESCOLA: SENAI - Unidade Sul

Agora dariam sequência ao plano. Havia meses não eram agraciados por uma oportunidade tão perfeita quanto aquela, pensaram e concordaram em um só olhar que desperdiçá-la era algo impensável. Então, silenciosamente, decidiram prosseguir. Foi uma questão de segundos até que estivessem a contar as horas para que anoitecesse e, assim, as expectativas que se desenrolavam em suas mentes fossem, mais uma vez, consumadas com êxito.

Identificados pela vizinhança através dos nomes Laura e Marcos, formavam um casal de namorados com uma relação de aparência nada extraordinária, perpetuada, como tantas outras, pelos interesses comuns que possuíam e, além disso, por seu passado semelhante. Contudo, seus históricos eram a prova nítida de que as aparências enganam e de que os acontecimentos do passado nem sempre são superados.

Estavam na casa alugada por Laura quando, num súbito, ouviram a campainha tocar. A dona da voz que afoita se fez ouvir do outro lado do interfone não foi reconhecida pela mulher que a atendeu, no entanto, as palavras por ela pronunciadas despertaram em Laura interesse imediato.

– Podemos conversar? Preciso de uma babá para esta noite.

Laura esperava conseguir um trabalho como babá desde que se mudara, mais uma vez, para um bairro famoso pela quantidade de crianças que nele residiam. Quando o conseguisse, colocaria em prática seus próximos passos, previamente esque-matizados no único lugar inacessível a qualquer outra pessoa que não fosse ela. Todas as crianças de que cuidasse mereciam o que estava por vir, pensava, acabaria por fazer bem a cada uma delas. Ela própria mereceu, não é?! Tudo aquilo fez bem pra ela, sim. Seu pai não relutou em fazê-la acreditar em tudo aquilo.

Marcos espiava pela janela, enquanto a namorada ia ao encontro da mulher que a aguardava próxima ao portão. Aquela era Cecília, respeitável moradora de uma das mais ilustres mansões localizadas no final da ruazinha em que viviam. Estava com sua filha junto de si, a pequena Heloísa, de quem seria definido o destino nos minutos seguintes.

A garotinha sorria, enquanto a mãe acalentava suas longas madeixas negras com uma das mãos e gesticulava com a outra, ao passo que explicava sua situação e proposta àquela que estava oferecendo seus serviços de babá. O emprego de Cecília dependia de seu comparecimento a um jantar empresarial, a ser promovido naquela noite por seu chefe, que não toleraria a presença de crianças e, ainda menos, faltas. O trabalho de Laura seria distrair Heloísa pelo tempo do jantar, durante apenas três horas, bastava que ela apresentasse à Cecília suas recomendações como babá.

– Vou deixá-la aqui, às sete – Disse Cecília, sentindo-se extremamente aliviada por ter conseguido alguém para dedicar-

se à filha, enquanto ela mesma não teria condições de fazê-lo.

Para ela, a filha estaria em total segurança aos cuidados de uma pessoa com recomendações tão consideráveis como as que Laura lhe entregou por escrito. Aqueles documentos e o sorriso impregnado no rosto da jovem pareciam tão autênticos que a fizeram esquecer a lição que tantas vezes passara para Heloísa. Por acaso havia parado de ser perigoso confiar em estranhos?

O casal exultava. Logo a criança estaria sozinha em sua presença e esse fato era suficiente para que mantivessem sua conduta completamente direcionada ao intento primordial de tudo aquilo. As malas com todos os seus pertences, já organizadas no carro, estavam prontas para mais uma fuga, após a devolução da criança à família. As leis não entendiam o porquê de agirem como agiam e tornavam as fugas necessárias, essa era a realidade, afirmavam.

A campanha soou mais uma vez: a pequena tinha chegado. Laura foi sozinha recebê-la no portão, enquanto Marcos fazia alguns ajustes finais no carro. Helô, como pediu para ser chamada, atravessava o quintal de mãos dadas com sua mais nova babá, que a conduzia na direção do automóvel.

– Aonde vamos, tia? - Perguntou a menina repleta de inocência ao ser encaminhada para dentro do veículo.

– Vamos dar um passeio, querida.

Deixaram a casa em poucos minutos. No carro, Helô era acompanhada por Laura no banco traseiro, enquanto Marcos

dirigia, em alta velocidade, seus pensamentos alucinados ansiavam pelo que estava por vir. Virou-se para ver se a namorada tinha mantido o acordo e não feito nada até que ele pudesse colaborar. Prolongou o olhar, sorrindo maliciosamente para Laura, que retribuiu, em desespero, indicando a frente do veículo. Tarde demais.

Nas manchetes dos jornais daquela cidade se lia: “Colisão entre carro e caminhão que transportava álcool deixa três mortos”.

Dessa vez, o plano do casal não chegou a ser consumado.

O acidente evitou que Helô fosse estuprada.

MENÇÃO HONROSA CINCO GAROTAS, UMA VIDA

Mikaela Lemos Alves

Professora: Viviane Siqueira

Escola: Sociedade Educacional Santo Antônio

Uma garota de olhos castanhos estava perdida em sua mente, distraída nem percebeu a bola de papel que atingiu sua cabeça. Ela só voltou a realidade ao ouvir o professor de física gritando “KIMMY!!”. A menina sabia que estava encrocada, porém o sinal bate, “Salva pelo congo” pensou a jovem de apenas quinze anos. O material voou para a mochila e encaminhou-se até a casa. Quando chegou finalmente subiu ao quarto, sentou em sua tão amada cadeira giratória em frente ao seu computador, pôs os fones em uma música bem agitada para uma leve desligada da vida real, não que estivesse ligada e voltou a escrever seu livro. Segundos, minutos e por final horas se passaram. Finalmente após muita insistência do estomago a adolescente sai do seu quarto, faltava pouco tempo para a janta.

O jantar passou rápido, com perguntas simples que recebia dos pais sobre o dia no colégio, algumas que Kimmy não sabia responder por estar muito distraída, ou na hora da pergunta ou na ocorrência do fato. Assim que terminou de comer lavou a louça. Terminando foi se preparar para jogar um pouco de “League of Legends”, assistir um ou dois episódios de uma serie que desse vontade por fim dormir.

A partida demorou, mas valeu a pena. Seu time venceu e ela fez um penta kill, com a alegria que estava ela não poderia assistir uma serie conhecida por matar os melhores personagens, precisava de algo animado, na dúvida entre “The Big Ben Theory” e “Friends”, Kimmy escolheu a mais recente, após quatro episódios o sono venceu e a menina que decidiu dormir.

Passados cinco minutos que Kimmy dormiu, uma ado-

lescente com longos cabelos loiros, jogou um par de salto altos pela janela do quarto, após a ler a mensagem da amiga, perguntando se ela ainda iria na festa. Os sapatos já haviam decido agora só faltava a jovem, do segundo andar até o chão não era um caminho muito radical, mas o cabelo solto e o vestido rosa não ajudaram no processo.

Fuga concluída com sucesso depois de dez minutos andando, Alexia a menina de cabelos loiros chegou a festa. Uma música, duas, três, quatro, cinco, depois dessa a loira perdeu a conta de quantas já tinham passado, para sua sorte era uma sexta feira ela poderia dançar cinquenta músicas, que não teria diferença.

Mais músicas passaram, até que a amiga de Alexia a abandonou para “ir ao banheiro”, pelo menos essa foi a desculpa que a fugitiva recebera, ela não ligou era como se as festas fossem seu “habitat natural”. Pouco tempo depois o sono atingiu-a ficou por teimosia, “só mais uma dança” ela pensou. Quatro, cinco, seis e na metade da sétima, uma menina de batom roxo, sai do local onde ocorrera a festa.

Não aguentando nem o batom roxo, nem os saltos, Andressa, nome da menina de lábios roxos, tirou os dois e correu até sua casa, sem entender porquê estava em uma festa, ou usando salto. Qualquer pessoa normal chegaria em oito ou sete minutos correndo, mas Andressa estava com um excelente fisico pois fazia esse percurso em seis ou cinco. Chegou em casa, entrou bem devagar, seus pais poderiam acordar e isso não seria nada bom, minutos depois já dormia com o objetivo de acordar cedo na manhã seguinte para, melhorar sua resistência.

Já de manhã, uma menina de longos cabelos pintados de preto, com tinta spray, mechas rosa Pink e um colar de palheta, saiu apressadamente de casa com uma guitarra da mesma cor das mechas e uma caixa de som com estampa de tigre. Seus pais

trabalhavam naquele sábado ela teria uma chance de ganhar “uns trocados” para compra uma pedaleira nova. Com a guitarra nas costas e a caixa na mão a adolescente saiu apressada de casa.

Não demorou para chegar até seu “local de ‘trabalho’”. Ela estava no estacionamento da melhor loja de instrumentos de sua cidade, talvez estado. Cumprimentando a dona da loja que a respondeu com um sorriso e um “bom dia Sammy”. Samanta ligou a guitarra, deixou o case aberto no chão e começou a tocar. No início vieram as nacionais: Legião Urbana, Capital Inicial, Rita Lee, cada música das bandas rendendo muitos trocados. Cinco centavos, dez, vinte e cinco, cinquenta centavos, um real. Porém quando tocou algumas internacionais: Creedence, Pink Floyd, Linkin Park, Evanescence, as notas surgiram. Dois reais, cinco, até um dez entrou para a família. A hora do almoço estava para chegar e a guitarrista voltou para a casa com a guitarra Pink, a caixa de som e uma pedaleira nova. O resto do dia da garota foi monótono, para não dizer tedioso. Comeu, assistiu “American Horror Story” e durante o resto da tarde dormindo assim que terminou a tarefa, pois teria um compromisso na manhã seguinte, como em todos os domingos.

Naquele domingo de manhã, chovia. Não estava frio nem quente, a temperatura estava perfeita. Um carro andava pelas ruas na velocidade permitida. Dentro do carro tinha, o motorista e uma adolescente de quinze anos, com longos cabelos loiros, olhos castanhos, batom roxo e um colar de palheta. Não demorou muito até a garota chegar em seu destino. O motorista que na verdade era seu pai se despediu com um “ o papai já volta, filha” e em resposta recebeu um sorriso fofo.

A jovem entrou no lugar que ia todos os domingos de manhã. Aquele prédio, ela não gostava daquele prédio. Ainda na recepção pegou uma revista sobre vídeo games aguardando a secretária chama-la. Após uma longa espera. A loira levanta,

ouvindo a tentativa da secretaria de acertar seu nome: “ Kimmy? Alexia? Andressa? Sammy? Nati? ” Após uma risadinha ela responde “ sou a Nati”. A secretaria conclui sua fala avisando que o doutor a aguarda na sala dele. Suspira ao passar pelo corredor com quadros coloridos. Como ela odeia aquele lugar.

Depois de segundos esperando Nati abriu a porta do consultório, sentou no sofá e encarou o doutor a sua frente. Depois de uma conversa sobre a semana da adolescente. Até que, sem enrolar, o doutor falou:

- Bom que se divertiu, e Alexia, Andressa e a Samanta também, mas eu gostaria de saber se a Kimmy se divertiu.

- É claro que ela se divertiu, doutor – Nati falou com um sorriso – Ela adorara nos quatro e ama as coisas que fazemos, as festa, os esportes e até mesmo as músicas nos finais de semana.

- Não tenho com saber a não ser que ela me conte, já parou para pensar que já é muito complicado ser um adolescente e Kimmy tem que ser cinco?

- Quatro no máximo doutor, você sabe que eu e Kimmy somos as mais parecidas.

- Mas não são a mesma pessoa e eu gostaria muito de saber como é a opinião dela sobre tudo isso, mas se em toda a consulta ela ficar escondida e uma de vocês quatro aparecem eu nunca saberei e nunca terminaremos isso.

- Ela não te conhece, vai ficar assustada.

- Mas depois vai entender.

- Semana que vem ela aparece, prepara. Pronta, para seja qual for o tratamento que você queira fazer conosco.

- Vela agora será melhor para todos Natalia.

Natalia suspirou e olhou emburrada para o psicólogo. E no momento que o médico piscou Kimmy falou em quanto corria para a porta.

- Qual das quatro me trouxe aqui, quem é você e onde estou?

MENÇÃO HONROSA

ISOLOFOBIA

Helena Stylianos Mylonas (1º ano Ensino Médio)

Professor: Tauann Calil Medeiros

Escola: Centro Educacional Machado de Assis

O sol se punha dando espaço àquela que dizem ser a mais bela de todas as escuridões. O crepúsculo que se erguia, revelava estrelas que mais pareciam lágrimas de piedade pelo casal, cuja história acabava lentamente. Maria afagava os cabelos brancos do homem, José, caído. Já vinha preparando-se, entretanto. Não era quem morria, mas era quem parecia – e queria – morrer. Carregando esta sensação de vazio em seu interior, agarrava-se firmemente àquilo que seria capaz de preenchê-la: um pequeno frasco de Arsênico. Para chegar a tal situação extrema, várias outras fatalidades de teor psicológico ocorreram. Eis a explicação.

De pais distantes, Maria tinha pavor de viver só. Com o coração apertado de medo, sem espaço para guardar em si alguém, casou-se por conveniência ainda muito jovem com Pedro, empresário bem sucedido, sem ter tido qualquer real experiência de amor. Ele, que gostava de tratá-la como a preciosidade que era, confiava demais na doce personalidade da amada. Na época, contudo, valia-lhe mais cultivar tal amor platônico do que nenhum amor.

Arrogante e invejosa, a garota cresceu. Transformou-se para com os outros, mas seu marido nunca percebera. Os olhares de ódio agora a perseguiam, e foi assim que conheceu José.

Necessitada de amor apaixonou-se logo por este que fora o primeiro a demonstrar alguma bondade com sua nova forma de ser. O velho escondia mentiras nos sorrisos, que eram por sua vez, mentirosos também. Maria não tinha culpa, porém. O sentimento desconhecido que a tomava por completo, cegava-a das maldosas intenções que seu coração, voltando a ser jovem, a impedia de ver.

O marido teve dificuldades financeiras devido à instabilidade do emprego e, aproveitando a deixa, disse-lhe Maria que largaria a vida de luxos para trabalhar como cuidadora de um senhor conhecido. Passando a visitar José com frequência, era sempre muito bem cortejada com vinhos caros que transmitiam falsa impressão de riqueza. Caindo cada vez mais nas profundas tentações de um primeiro amor, pensava dias e noites em seu olhar e, num estado já doentio, afogou em mágoas de dependência quando soube que este sofria de grave doença e a deixaria tão depressa.

Finalmente notando as mudanças ocorridas na esposa, Pedro disse-lhe para abandonar o trabalho, pois o esforço excessivo, segundo ele, fazia-lhe mal e era o responsável por seus devaneios excessivos. Ela fez uso de todos os argumentos que pode, mas o homem proibiu-a de sair do quarto até que recobrasse a racionalidade. Trancada no quarto, sozinha, sentiu ares pesados invadindo o peito como se o quisessem rasgar. Já não havia pausas significantes entre as palpitações do coração. Resolveu aprontar uma fuga, pegou frasco do pesticida inorgânico que usava no jardim e guardou-o seguro no bolso.

Vestiu desajeitadamente o velho vestido de noiva que milagrosamente ainda servia, com ânsia de casar-se por amor.

Chegou a seu destino e tocou a campainha; não foi atendida. Bateu palmas e quase gritou para chamá-lo, não fosse o medo que trancava a garganta. Sorrateira, pulou o baixo muro que cercava a casa e entrou por uma porta semicerrada. Caminhou por entre as sombras que cobriam cada um dos cômodos, seguindo a única luz que a guiava no ambiente, vinda de uma fresta na janela que permitia sutil entrada de sol. Parou ao ver onde aterrissava a luminosidade, que atravessava os cabelos do senhor caído e inerte, projetando uma imagem sombria no chão. Tocou-lhe a pele com a mão direita, deslizando-a para sentir sua temperatura ainda morna. Checou o pulso, aproximou-se dos lábios: já não mais respirava. Entre suspiros entrelaçou os dedos nos brancos e escassos cabelos, enquanto a outra mão tirava do bolso e levava o singelo frasco ao encontro da boca sem qualquer hesitação.

- Abrace-me – sussurrou Maria... lívida – o veneno logo fará efeito. E quando o fizer, meu amor... Casar-nos-emos à luz das estrelas.

A mulher deitou-se sentindo fortes vertigens. Fechou os olhos, tranquila: se a vida queria separá-los, acabara vencida no exato instante. Enfim casada por amor. O destino fora derrotado, Maria foi-lhe superior. Casar-se-ia se não em vida, em morte. E assim o foi.

MENÇÃO HONROSA**A PRIMAVERA TÃO LINDA E BELA****Yasmin Cândido****Professor: Paulo Sérgio Maia****Escola Municipal Nelson de Miranda Coutinho**

Era uma aldeia situada no topo de uma montanha e que não conhecia a Primavera.

Os habitantes da aldeia já tinham ouvido falar da Primavera, mas nunca a tinham visto. Sabiam que era prima do Verão e do Inverno, com os quais mantinha uma relação próxima.

Um dia a notícia de que a Primavera viria visitar a aldeia espalhou-se e os seus habitantes ficaram muito ansiosos pela chegada desse dia.

Na data marcada, eis que chega a Primavera!

Uma rajada de vento se comprometeu a deixá-la na aldeia. Ah, a tão esperada Primavera!

Quando a viram e puderam observá-la mais de perto, constataram a sua sublime e serena beleza.

Era tão linda a Primavera!

As suas delicadas expressões corporais assemelhavam-se às mais puras manifestações de fidelidade e pureza.

Vestia roupas frescas, de tecidos transparentes, de cores fortes. O seu cabelo era longo, seu sorriso eram os primeiros raios de sol que alegravam e aqueciam qualquer coração humano. O seu olhar refletia a paz do céu azul e a sua respiração era a brisa suave que beijava o rosto sem pudor. A certa altura,

tirou de dentro da mala uma pequena caixinha de música, um tanto antiga, de cor azul e com desenhos florais dourados.

Abriu-a! Uma melodia suave ecoou nos ouvidos dos habitantes deixando tudo mais alegre. Consigo trazia também um frasco de vidro transparente com um líquido de cor lilás que tinha o mais gostoso aroma.

Os mais curiosos conseguiram ainda, mesmo sem ela lhes ter mostrado, alguns dos lenços onde as borboletas voavam livremente sobre as flores de mil cores e sobre os campos verdes. Havia também algo que a Primavera lhes queria mostrar: um relógio! Um belo e valioso relógio de bolso prateado. Não tinha números... apenas a imagem da lua e do sol e duas cores: branca e preta. A branca era mais extensa e logo perceberam que aquele era o relógio que ditava as regras dos dias. Com a chegada da Primavera, os dias começariam a ser maiores e as noites mais curtas.

Caiu a noite... E os habitantes da aldeia preparavam-se para dormir, assim como a Primavera que estava exausta da viagem. Mas, de repente, depararam-se com mais uma melodia mágica, A Primavera resolveu recompensá-los pela simpatia de ter sido tão bem recebida. Era o som possante das corujas que refletiam a alegria! Na imensidão da noite, os seus cânticos sobre um manto de brilhantes, refletiam a harmonia de todos os habitantes.

Também para eles começava um novo ciclo com a chegada da Primavera... O ciclo revitalizante da fertilidade! Um ciclo que teria fim... e sempre um recomeço!

Categoria POESIA – Ensino Médio

1º LUGAR

HÁ UM MONSTRO MORANDO EMBAIXO DA MINHA CAMA

Stefany Velloso Cardozo

Professora: Leila Mattos Sombrio Knabben

ESCOLA: SENAI - Unidade Sul

Está comigo desde que nasci
em um solstício de verão,
e no silêncio,
quando o que eu sabia era só chorar
e pensar

Quando era criança
e tudo parecia fácil e prazeroso
porque não sabia da destruição
e de toda a desgraça do mundo

Com ele, a medida que crescia,
também via ternura e felicidade
e que momentos difíceis são necessários

Estava lá na minha adolescência
escutava meus fugazes choros de desespero
sempre
sabia de meus pesadelos
trêmulos, pesados

Presenciou a amargura
da primeira vez que chorei por decepção
e a doçura
da primeira vez que chorei por amor

Sonhou comigo
renascemos com meus fracassos
aprendemos juntos

Estava lá
nos meus términos de amizades
de anos
de ciclos

Ele era meu cúmplice na vida
Escutava com entusiasmo tudo que dizia
Tinha esperança em mim quando nem mesmo eu tinha
me trazia paz e serenidade

Via o amanhecer comigo
e o pôr do sol
A luz cintilante das estrelas
e as sombras das árvores em minhas janelas
os sons dos carros
movendo-se em ruas paralelas
Acompanhava a florescência da primavera
o cheiro do verão,
as noites de outono
e o sopro do vento invernal

Estava comigo na desolação
de perder todos aqueles que já amei
e que ainda amo
porém de longe

Agora, em meus últimos suspiros
penso
talvez ele seja meu guardião
não um monstro.

2º LUGAR

INCOMPREENSÃO

Aluno: Erik Luiz da Silva

Professora: Roberta Egert Loose

Instituto Federal Santa Catarina – Campus Joinville

Minha paixão tinha olhos escuros
Não tenho certeza se eram negros
Ou castanhos, mas escuros eram
Enquanto eu fixamente a olhava
Não conseguia entender seus olhos

Os meus eram castanhos
Fáceis de perceber
Mais ainda de esquecer
Oh minha querida, os seus não
Nem compreender poderia

Foram esses mesmos olhos incompreensíveis

Que me partiram o coração
Quase sem querer

Facilmente poderia dizer a cor de seus cabelos
Descrever sua pele
A sensação de tocá-la
Mas seus olhos?
Nunca!

Malditos olhos que um dia se abriram a mim
Que um dia entregaram um sorriso
Que talvez até me amaram
Mas que nunca se revelaram

O que poderei dizer de ti, tímida criatura?
Me amas ou me despreza?
Melancólica sensação que sinto no peito
São teus olhos brilhantes, atraindo as borboletas que vivem em
meu estômago para fora
São teus olhos que travam essa língua

São teus olhos, que enganam
Que me deixam tonto
Essas pequenas orbitas, que junto ao seu sorriso
Iluminam meu rosto

São teus olhos que mentem
E prometem uma lágrima em meu rosto.

3º LUGAR

LEMBRANÇA DE CRIANÇA

Suélin Medeiros

Professor: Juliano Riechelmann

Escola: EEB Francisco Eberhardt

Menina do longo cabelo moreno
Que no vento dança ao relento
Que brilha mais que o sol
Menina que parece índia
Menina que na beira dos rios passeia
Que nas águas se banha
E na terra vive a vida de brincadeira

Menina que de poucas pedras fazia sua brincadeira
Que de poucos detalhes faz sua própria felicidade
Com um sorriso fácil de achar
Encanta aquele que lhe olha brincar
Menina amada e vivida
Menina crescida nos sítios da vida
Menina que atrás das galinhas corria
Que com os cachorros dali brincava
E nas lagoas se banhava

Menina que pescava, dos menores aos maiores peixes
Menina que acreditava no amor da vida
Que ria e brincava sem medo de ser ferida
Que as cicatrizes do seu corpo marcam suas aventuras
Menina que hoje é crescida

Que hoje lembra as lembranças de criança
Aqueles que só ela sabia
As quais são as mais puras

Menina que ainda acredita
Em um dia ainda voltar a ser criança
Para correr outra vez como menina criança
Lembranças de criança que só a menina que sabia.

MENÇÃO HONROSA

O TEMPO

Rafa Moom

PROFESSORA: Leila Mattos Sombrio Knabben

ESCOLA: SENAI - Unidade Sul

Tão curto para os apaixonados,
Tão longo para os desafortunados...
A final, os relógios estão descompassados?

Uma hora passa voando,
Um minuto se arrastando...
Uma vida se passando,
Até uma alma se acabando...

Trabalho, estudo e correria...
Mais frustrações do dia a dia,
Dinheiro, casamento e moradia...
Quanto tempo mais duraria?

Osteoporose, amnésia e dor no coração,
 Uma vida inteira correndo pelo milhão...
 Sacrificando família, saúde e sua paixão,
 Para onde foi sua contribuição?

Anos perdidos...
 Filhos crescidos...
 Momentos esquecidos...

No final, seus ponteiros, agora arrefecidos...
 Lamentam os instantes roubados que passaram despercebidos.

MENÇÃO HONROSA **O DESABROCHAR DA MARGARIDA**

Isabella da Silva Marques

PROFESSORA: Leila Mattos Sombrio Knabben

ESCOLA: SENAI - Unidade Sul

A longínqua alvorada
 Vê o céu, enamorada
 Rompe a terra, beija-flor
 Nasce, meu amor

Amarga margarida
 Quem lhe causa a ferida?
 Olhe o campo que lhe rodeia
 Veja a folha que serpenteia
 Passou-lhe a mocidade

Logo veio a tempestade
A chuva que descia
Era lágrima que caía

Entregou-se à terra, houve pranto
Esmoreceu-se
Ouviu o céu o canto
E a esperança, esqueceu-se

A alegria ali caiu
Com ela parti
A morte me sorriu
Rendo-me a ti.

MENÇÃO HONROSA **TEMPESTADE**

Gabriela Karoliny Vieira

PROFESSORA: Leila Mattos Sombrio Knabben

ESCOLA: SENAI - Unidade Sul

Nos sentimos invencíveis
Quase indestrutíveis
Mesmo sendo a menor parte desse universo infinito
E sabendo que pode acabar em apenas um segundo

Com a certeza de que acordaremos amanhã
Fazemos sempre da mesma forma
Esperando uma transformação

Quando estamos perto da morte começamos a viver extraordinariamente

Queremos achar a felicidade
Mesmo sem procurar verdadeiramente

Onde está a vontade de escrever?
E a alegria no viver?
Onde está a profundidade do olhar ?
E a sinceridade no falar?

Ei, você!
Vai esperar a vida passar pra viver?
Vai deixar pra lá?
Vai deixar tudo pra depois, de novo?
Você só tem uma chance
A chance de mudar ou estragar
Tudo depende do que você escolher
E do que você fazer

Ei, você que quer se destruir!
Não desista
Alguém daria muito para estar no seu lugar
Nós não somos nada
Apenas estamos no meio do tudo

Isso é passageiro
A vida é passageira
Talvez a graça não esteja em saber o que é
E sim saber o porquê
Olhe para o céu

Imenso, profundo
Pegue a coragem dele
Não deixe o medo lhe inundar
E lhe fazer afogar
Escolha apenas flutuar

Olhe para o mar
Intenso, impetuoso
Pegue a força dele
Lute pela suas conquistas

Apenas escolha viver dignamente
Mesmo que não seja prosperamente

Domestique essa tempestade
E faça nela sua vontade
Que ela seja todo seu universo
Todo seu infinito

Categoria MEMÓRIAS LITERÁRIAS

Para estudantes do Ensino Fundamental, de 6º a 9º anos

1º LUGAR

MEU PRIMEIRO AMOR

Andressa Vignochi Pinheiro – 9ª SÉRIE

ProfessorA: Valeska de Britto

Escola: Colégio Santo Antônio

Se subtrairmos 4 de 14 a diferença não parece muita, parece? Apenas contando nos dedos: são só quatro algarismos não são? Mas quando falamos de tempo não conseguimos menosprezar quatro anos. Então, vamos voltar a um tempo atrás...

2013, 09 anos de idade. 5ª série. Não me recordo exatamente do dia mas sei que era uma das aulas escolhidas aleatoriamente pela professora em que íamos para a biblioteca. Com essa idade eu não tinha afinidade alguma com a literatura. Então, eu costumava fazer parte do grupo de alunos desrespeitosos que passeavam por todas aquelas estantes cheias de conteúdo, apenas, atrapalhando leitores e recebendo ameaças de castigo da bibliotecária.

Fui para as mesas, peguei um livro e iniciei meu ritual repetido incontáveis vezes: abrir o opúsculo que era separado para nós, pular para a orelha no final do mesmo, lê-la, e voltar a brincar. Porém, ao iniciar o terceiro passo, vi partes de letras cobertas pela aba com informações do autor ainda dobrada

esperando para ser lida. Quando a desdobrei vi a pergunta: *Para você, o que é amor?* E com a inocência de uma criança não hesitei em pôr minha caligrafia ali, usando como base o conteúdo da aula de português. Então respondi: *É um substantivo abstrato, não conseguimos segurá-lo nas mãos.* Já havia terminado minha resposta com isso, porém, “*o que eu sabia sobre amor ANTES daquela aula de português*” foi a interrogação que pairou minha mente. Reposicionei a ponta do grafite ao lado do ponto final recém-colocado por mim e escrevi: *Li na internet que quando vemos algo que amamos a pupila aumenta de tamanho como nos desenhos. Também sei que, estamos amando alguém quando nos sentimos bem em estar com essa pessoa.*

A professora chamou para voltarmos para a sala.

Como eu havia esquecido minha carteirinha não poderia levar o livro para casa – apesar de que, se tivesse trazido, também não me daria ao esforço de ler – então, coloquei-o de volta na estante e me juntei à fila de alunos que voltavam para a aula. E depois de um longo dia aprendendo frações e reclamando de aprendê-las, cheguei em casa e dormi.

O dia recomeça e lá estava eu: indo para a biblioteca. Desta vez sozinha pois tinha acabado de levar um sermão por não ter pego um livro.

Ao passar pela porta avistei a lombada da obra à qual respondi na tarde anterior, resolvi que iria locar aquela mesmo. Peguei-a. E a caminho do balcão resolvi abri-la para rever tanto a pergunta quanto a resposta, então quando levantei a orelha do

livro havia outra frase. Mas não com a mesma caligrafia da pergunta. Esta que surgira era pouco mais que um garrancho mas, compreensível. Dizia: ***E como definir algo que não conseguimos segurar nas mãos e dizer que é real de fato?***

Arranjei uma lapiseira ali jogada, e sem pensar muito escrevi o que me veio à mente primeiro. *Sentindo! Por exemplo: o que sinto pela minha família.* Devolvi o livro ao lugar de onde o tirei, peguei um outro qualquer apenas para poder falar para que o fiz.

A hora parecia não passar. “*Quem fez aquela segunda pergunta?*” parecia o grande mistério da minha nem tão pacata vida de 9 anos de idade.

Ao fim da aula todos desciam as escadas correndo concomitantemente. Menos eu. Desviei das escadarias que levavam ao pátio e segui pelo corredor que dava no lugar do colégio o qual a pouco mais de um dia atrás eu só ia se me arrastassem, e naquele momento estava indo por vontade própria. Era estranho. Mas pelo menos tudo isso ocupava um pouco a minha mente. Durante todo o caminho fiquei me perguntando se o questionador misterioso teria alguma razão naquilo que insinuou, “*Será que o amor não existe mesmo? Afinal, ele está certo: não podemos vê-lo*”, assim, comecei a achar a minha resposta meio boba.

Cheguei, e encarando aquela mesma estante: peguei o livro com rijeza e abri, havia uma outra frase! Os mesmos garranchos da última vez. ***Mas a sua família não é perfeita é? Não tem como gostar de imperfeições.*** Estava escrito.

Escrevi em resposta: *Nenhuma família é perfeita. Na verdade cada uma é perfeita a seu modo, acho que isso faz com que o amor também não seja perfeito não é? Mas sim REAL.* Pelo menos pra *mim* essa era a verdade.

A partir disso *este* era meu novo ritual da biblioteca: ir em direção *àquele* livro, abrir a orelha de trás, “conversar” com o que parecia ser agora meu amigo, pôr o exemplar de volta e esperar o retorno. Quando percebi, a parte interna da contracapa já estava coberta por nossas conversações! Eu amava aquilo. A biblioteca acabou se tornando o melhor lugar da escola, e a melhor parte do meu dia! A meu modo... a *nosso* modo.

E então, o seguinte diálogo se formou:

Meus pais têm brigado esses dias. Parece que todos têm famílias perfeitas e que sou a única a ter esse tipo de preocupação... A única que precisa ter.

Entendo, de verdade. Meus pais também brigam bastante, acho que é coisa de adultos.

Prefiro ser criança e infantil para sempre, mas amanhã já faço 10 anos: um ano mais perto da vida adulta.

Você pode ser infantil quando quiser nesse livro. Pode ser infantil para sempre aqui.

“*Gosto de ser infantil.*” Escrevi. Eu já estava pondo o livro no lugar quando percebi: eu gostava de ser eu mesma...*Ali!* Então sustei o movimento de guarda-lo e li as primeiras coisas que escrevi nele “...*estamos amando alguém quando nos*

sentimos bem em estar com essa pessoa.”. Acrescentei apenas duas palavras ao que acabara de escrever. Em seguida, risquei. Quis ser completamente honesta, e assim ficou:

Gosto de ser infantil. Com você. Gosto de “estar” com você.

Pus a obra na estante, e fui pra casa, pensando. Pensando em qual seria a resposta, pensando *se haveria* de fato resposta.

2013, 10 anos de idade. 5ª série. Dia do meu aniversário, disparei para a biblioteca. Ao adentrar o local vi uma professora analisando uma pilha de livros página por página. Ela estava verificando-os para saber se estavam mofados ou riscados. Riscados! “*E se reconhecerem as caligrafias? E se levarmos algum castigo por isso? E se..?*” os pensamentos gritavam. Peguei a obra com as conversas, levei para os fundos, apanhei uma borracha e apaguei cada diálogo com uma dor imensa. As últimas palavras que consegui ler estavam escritas naquela caligrafia que se tornara tão importante para mim.

“Amo “estar” com você”

Apagado. A única coisa que restara fora *aquela* pergunta, feita à caneta “*Para você, o que é amor?*”.

Lembro de ter voltado e procurado pelo livro, mas disseram-me que estava danificado e teve de ser jogado fora.

Nunca descobri quem fora meu primeiro amor de infância, também nunca o esqueci. E quem diria que hoje eu olharia para trás e notaria que estava eu *vivenciando* um livro do

David Levithan lançado 3 anos depois de todo o meu próprio romance!

Então comecei a apreciar a leitura. Ser uma feiticeira, uma selecionada, uma divergente, ser infantil... Ser quem eu quiser. Simplesmente: lendo um livro.

2º LUGAR

MINHAS NOITES NA FAZENDA

Amanda silva dos passos

Professor: Paulo Sérgio Maia

Escola Municipal Nelson de Miranda Coutinho

Todos os anos, quando terminávamos o ano letivo meus pais eram convidados a passar algum tempo na fazenda do meu tio Francisco, carinhosamente chamado de Tio Chico.

Aguardávamos com ansiedade que esse dia chegasse depressa pois eram nesses momentos que podíamos entrar em contato com a natureza e deixar um pouco a vida tão corrida da cidade grande. Viajávamos quase seis horas de carro pela autoestrada até chegarmos em uma estradinha de terra onde percorríamos mais quarenta minutos .Embora a viagem fosse cansativa, era o que menos a gente se importava pois eu e meus dois irmãos, Juquinha e Salete, não sentíamos o tempo passar: durante toda a viagem cantávamos músicas, contagiando todos no carro.

Na fazenda, fazíamos coisas incríveis! Todo dia acordávamos bem cedinho para ouvir o som dos pássaros que cantavam no pomar. Tirávamos nós mesmos o leite para o café da manhã enquanto meu pai, tio Chico e Juquinha iam fazer uma pescaria no rio que passava ali perto. Meio-dia era aquela festa: todos reunidos para saborear um almoço muito gostoso, preparado por tia Zezé.

À tarde, com o calor do verão, íamos para uma cachoeira que ficava dentro da fazenda e podíamos nos refrescar com a água maravilhosa que caía daquelas pedras .

Na vida tudo passa muito depressa, por isso aproveitávamos cada momento juntos em família, curtindo aquela paisagem maravilhosa do interior, andávamos de charrete, andávamos a cavalo e corríamos livres pelo campo, sem nos preocupar com coisa alguma. Parecia que o tempo parava para que nós pudéssemos viver intensamente cada segundo.

Perto de anoitecer, ficávamos muito ansiosos para ouvir as histórias contadas por meu tio, que fazia todo mundo perder o sono com tantos contos de assombração, lobisomem, Saci-Pererê e, claro, a Mula-sem-Cabeça. Esses contos iam até altas horas da noite, ao deitarmos, dormíamos todos juntinhos pois ficávamos apavorados e nossa imaginação voava longe, buscando não sonhar nem lembrar de tais personagens. Se acontecia, perdíamos o sono de tanto medo.

E assim os dias corriam e ia chegando a hora em que tínhamos de nos despedir do pessoal da fazenda. Era com muita tristeza que olhávamos ao longe meu tio Chico e a tia Zezé fecharem a porteira do sítio .

E foi assim por muitos anos que a minha infância foi marcada pela vida tranquila e simples do interior. Sei que o tempo não pode voltar, mas essas boas lembranças ficarão para sempre em minha memória. Consigo buscar tudo o que de bom eu preciso para poder passar a meus filhos: a importância de ter

uma vida boa em família e ter, na simplicidade das coisas, um motivo para viver bem e em harmonia com o meio-ambiente que nos cerca. Muitas vezes, deixamos passar despercebida essa vida pelo simples fato de estarmos muito preocupados com coisas que, na verdade, são de pouca importância ou não fazem parte de nossa essência e não agregam nada em nosso espírito... como o cheirinho doce do café da tia *Zezé*...

3º LUGAR**INFÂNCIA PERDIDA****Aluna: Louise da Silveira Klein (8º Ano A)****Professora: Valeska de Britto****ESCOLA: Sociedade Educacional Santo Antônio**

Me recordo de quando o sol infiltrava o quarto dos meus pais e refletia as partículas de poeira que saíam da colcha. Me recordo de como passava horas admirando a vista da minha janela, mesmo que meus dedos doessem por ter que ficar na ponta dos pés para alcançá-la.

Me recordo de como gostava de ir na casa de meus avós, colher frutinhas e observar o mar, imaginando que criaturas vivem embaixo do manto azul do oceano.

Me recordo de eu não entender como os adultos conseguiam dormir após o almoço, e ficava frustrada por não poder brincar com nada barulhento durante este horário. Me recordo de como eu cheirava o travesseiro da minha mãe quando ela saía para trabalhar, pois eu estava com saudades e o cheiro dela era sempre doce.

Me recordo de como fantasiava minha adolescência... mal sabia eu, que nessa fase da vida, sentiria falta e almejaria o tempo e inocência da infância. Quando criança, tínhamos a habilidade de nos importar com coisas pequenas, coisas importantes.

Lembro que preferia abrir a cortina em vez de acender a luz. Lembro que fingia estar dormindo no sofá para meu pai me carregar para o quarto. Lembro que minha roupa favorita era um vestido branco que minha avó costurou.

Hoje, a luz que mais valorizo é a da tela de meu celular. Hoje, tomo cafeína para otimizar meu tempo acordada. Hoje, uso o que a mídia me induz a vestir.

Quando criança, temos gosto em sentir a vida como ela é, valorizando o que realmente a torna tão especial, sem perceber que o tempo passa e a melhor fase que vivenciamos vira apenas um esboço em meio à correria que ela se transforma, aos pequenos momentos de alegria enterrados embaixo de uma grossa camada de vitórias diárias banais. Nossa ingenuidade foi perdida. As lembranças felizes de nossas infâncias, hoje são apenas memórias.

MENÇÃO HONROSA**UMA VIDA CHEIA DE HISTÓRIAS PARA CONTAR****Ana Júlia Dagnoni Zanotto.****Professora: Roseli S. S. de Lima.****Escola Municipal Dr. José Antonio Navarro Lins**

Facilmente podemos imaginar as cenas dos relatos contados pelo senhor Euclides Francisco Zanotto. Ele, muito reservado, apesar de sempre gentil. Mais histórias para contar do que certos livros podem nos oferecer. Aos 77 anos de idade, já vivenciou muitas coisas, tanto boas, quanto ruins. Ele é natural de Nova Araçá, no Rio Grande do Sul, onde mora até hoje.

“Minha infância em si foi um tanto monótona, pois logo que completei 10 anos fui para o Seminário, onde eu ficava muito tempo sem ver meus pais, inclusive.

Em minha juventude, minha rotina diária era sempre acordar lá pelas 6h30, pois eu precisava estudar. Os padres e superiores do Seminário onde eu estudava eram muito exigentes e rigorosos. Além das aulas com conteúdos de português, matemática ou ciências (aquelas disciplinas obrigatórias), tínhamos também aulas de teologia, latim e Italiano. Alguns seminaristas que não tinham descendência e não dominavam a língua, passavam o dia calados.

Gosto de recordar de cada coisa pela qual passei, cada história, cada detalhe, mas com certeza as minhas lembranças mais marcantes são relacionadas ao Seminário. Passei muitos anos de minha vida lá, e aprendi muitas coisas.

Eu tinha um professor de física, com doutorado, que se chamava Reginio Dallla Vechia, e outro de matemática, Mário

Bianchi, isso lá pelo ano de 1950, que sempre diziam que chegaria o dia em que seria possível levar um rádio para a lavoura e ouvir músicas, ou ainda, que chegaria o dia em que seria possível ver uma imagem de outra cidade em um aparelho. Ou seja, estes dois homens previam a criação de novas tecnologias, como algumas que existem atualmente.

Lembro-me muito bem de minha ansiedade com relação as férias, pois era quando eu ia para a casa de meus pais, no interior. Era muito bom matar a saudade e aproveitar pelo menos um pouco do meu tempo com eles.

Aos meus 20 anos de idade, comecei minha carreira como professor. Saí do Seminário pois percebi que não tinha vocação. Era muito estudo, disciplina rígida e, caso errasse em alguma coisa, os castigos aconteciam. Felizmente, depois de algum tempo trabalhando como professor, consegui me tornar diretor. A escola na qual trabalhava era bem pequena, humilde, com uma média de 50 alunos apenas. Era na zona rural, porém, sempre conseguia ver dedicação em relação aos estudos por parte dos alunos. Todos tinham fome de conhecimento, o que me entusiasmava muito a exercer minha profissão.

Eu observava que a maioria dos jovens da minha idade, naquela época, trabalhavam mais nas áreas da agricultura e pecuária, pois eram estas algumas das poucas opções de trabalho existentes.

Posso dizer que sempre gostei de viver na cidade em que nasci. Muito tranquila e boa para morar. Muitas vezes, pegava-me observando a movimentação das pessoas nas ruas, os olhares trocados e compartilhados. Época peculiar, hábitos distintos, comportamentos opostos. Tudo diferente, principalmente o namoro, que era muito reservado e respeitoso. Normalmente,

namorava-se com a presença de um irmão ou primo, para ficar, por assim dizer, fiscalizando tudo. Vejo que hoje em dia existe muita liberdade por parte dos casais e, até por parte dos pais dos mesmos, o que pode não ser muito bom, porque um casal muito jovem e sem muito preparo, muitas vezes não consegue arcar com as consequências desses relacionamentos íntimos demais que, com frequência acabam resultando em uma gravidez inesperada ou indesejada.

Naquela época, a educação era bastante diferente, os filhos normalmente obedeciam aos pais sem questionamentos. Mas, com certeza eu sentia muita falta de um diálogo franco com meus pais, do tipo sincero, no qual conversássemos realmente juntos.

Nas escolas haviam poucos recursos, os alunos usavam a lousa (não havia cadernos) e, esta lousa era uma placa de pedra, onde os alunos escreviam com giz. Cada um tinha a sua, e quando chovia e ela molhava, na saída da escola, por exemplo, tudo era apagado e os alunos não sabiam qual era a tarefa de casa. Faltavam escolas para todos, não existiam professores suficientes e, muitas vezes, as crianças deixavam de estudar para ajudar suas famílias nos trabalhos de casa ou na lavoura.

Posso dizer que, certamente, a educação atual é boa, com muitos meios tecnológicos para facilitar, porém, acho que por parte dos estudantes, não há mais aquele interesse todo em aprender como havia antigamente.

Quanto aos transportes, havia um detalhe curioso: quem era proprietário de uma carroça, por exemplo, tinha que pagar um imposto, e recebia uma plaquinha de madeira para fixar nela, com um número.

Outra coisa interessante era que quem possuísse um fogão a lenha também tinha que pagar uma taxa anual.

As estradas não eram pavimentadas, e havia um funcionário da prefeitura que era pago para fechar os buracos existentes e abrir valas quando necessário. Este funcionário se chamava “Estradim”.

A energia elétrica só chegou nas casas no final da década de 70. Nós usávamos lanternas com querosene para iluminar, enquanto não tínhamos luz elétrica.

Em relação ao contexto político da minha época, para o povo não tinha tanta importância, interesse. As pessoas não tinham tanto acesso a isso como têm hoje em dia, porém, havia muita fidelidade partidária, pois cada comunidade defendia o seu partido. Hoje, as pessoas se interessam um pouco mais pela política, mas mesmo assim, não o suficiente para buscar por mudanças que de fato ajudem a melhorar a vida do povo.”

Seu Euclides tem mesmo muitas memórias para partilhar, outras no entanto, estão bem guardadas num cantinho especial de seu coração. E, a cada história que conta e reconta, faço uma viagem fantástica ao passado, sem nem ao menos ter sido inventada a máquina do tempo.

MENÇÃOS HONROSA DOCE HISTÓRIA

Laís Araújo (9º Ano A)

Professor: Marco Aurélio

Escola Municipal Enfermeira Hilda Anna Krisch

Há trinta anos vejo a cidade se expandir. Suas riquezas evoluírem, suas artes serem reconhecidas, seus habitantes progredirem. Estava tocando num violão uma melodia suave, doce de se ouvir. Num instante vem as lembranças gostosas de momentos jamais esquecidos. Um sorriso inesperado se estampa em meu rosto ao lembrar as peripécias passadas com minhas irmãs. Respiro profundamente. “Venha, Deise! Precisamos organizar nossa casa na árvore!”. Tantos joelhos ralados, tantas risadas em meio as brincadeiras, aventuras que nos levavam a um mundo imaginário onde habitavam soldados, índios, princesas, policiais e ladrões. Um mundo materializado em formas, cores e sabores com um gostinho de quero mais.

Os raios de sol invadiam a varanda nas manhãs frias de inverno, aquecendo nossas almas. O aroma do café quente, o gosto da tangerina em minha boca, a sopa apetitosa preparada pelas mãos de minha mãe, o aconchego do abraço de meu pai antes de dormir.

Em meio a lembranças agradáveis, uma me faz refletir sobre o fim inevitável de minha família. Um pai carinhoso, protetor, engraçado, especial. Como um palhaço de circo, escondia seus sentimentos. Uma mãe batalhadora, atenciosa, decidida, teimosa. Como uma guerreira, sempre persistente.

A ausência de meu pai causava um vazio em nossas vidas, a rotina, o excesso de trabalho, a busca diária pela sobrevivência tornava as relações frias e distantes. Aos poucos o afeto foi substituído pela indiferença, corroendo o amor. Infelizmente chegou o momento da separação. Tivemos que aprender a viver longe do meu pai. Assim como uma corrente que quebra um elo e divide memórias de uma infância feliz, trazendo-me para a realidade crua, cinzenta e melancólica. Simplesmente semelhante a uma máquina sem energia, um dia sem sol, uma noite sem luar.

Músicas trazem lições de vida, minha história traz ensinamentos. Às vezes sonho, às vezes é real. Sentir é buscar uma forma de voltar àquele tempo: sem conflitos, sem tristezas, sem decepções, somente as brincadeiras e os risos no quintal de minhas memórias ensolaradas.

Texto baseado em entrevista com Deise Regina Pereira de Lima, 53 anos.

MENÇÃO HONROSA**Minha primeira ida ao Beto Carrero World****Brenda Monteiro Soares (8 ano B)****Professora: Valeska de Britto****Escola: Colégio Santo Antônio**

Uns meses antes...

Era uma tarde qualquer de aula, mas que me traria lembranças maravilhosas e engraçadas para contar a quem me perguntasse. Fui tirada dos meus pensamentos com a professora Geisa entregando alguns bilhetes com as autorizações para uma viagem de estudos que faríamos no final do ano. Peguei a minha autorização e quando comecei a ler, vi que seria a minha oportunidade de realizar um dos meus sonhos: ir ao parque de diversões Beto Carrero World.

No mesmo instante, guardei o meu bilhete, toda animada, já imaginando as minhas reações em cada brinquedo... Na sala, já começavam os preparativos para a nossa viagem. Foi uma alegria geral, todos estavam eufóricos com a notícia.

Quando minha mãe chegou para me buscar, já fui logo contando as novidades para a mesma, que me olhou assustada e dizendo: “Precisamos conversar com o seu pai!”

Percebi que a minha viagem já “era”. Meu pai sempre foi muito exigente em relação a viagens de estudos, mas conversando bem com o mesmo e prometendo algumas coisas que até hoje não cumpri, ele deixou, assinou o meu bilhete e disse: “Será a ultima vez que você viajará, se não se comportar”.

Os meses se passaram e o dia da viagem já estava chegando...

Dois dias antes da nossa ida, todos já estavam ficando preocupados com o passeio, sem saber o fazer lá ou até mesmo o que levar na mochila. Eu estava mais ansiosa do que qualquer amigo meu, seria a minha primeira viagem a um parque de diversões com eles.

Na noite que antecedia a viagem, precisei dormir na casa da minha tia para ir ao passeio, porque meus pais não poderiam me levar tão cedo para a escola. O nosso ônibus partiria às 07h30min. Durante a noite, mal consegui dormir de tanta ansiedade, nervosismo e medo de chegar atrasada e perder o ônibus. Acordei várias vezes durante a madrugada, com medo do horário, e quando olhei o relógio, tive a impressão de que já estava na hora de levantar. Então me vesti rapidamente, penteiei-me, fiz tudo o que precisava e fiquei esperando a minha tia chamar.

Algumas horas passaram e eu já estava com muita fome e medo de acordar minha tia, indo até a geladeira. Depois de se passarem vários minutos, escutei-a me chamar, respondi e fingi estar me arrumando para não levar uma bronca por não estar dormindo.

Tomei um café rápido, conferi minha mochila e estava tudo certo. Quando deu o horário, entrei no carro e fui para a escola.

Já na escola, a turma estava com o rosto amassado e com sono, mesmo assim, animados com o passeio. Tocou o sinal e fizemos a fila para podermos entrar no ônibus.

Durante a viagem, dentro do ônibus, foi uma alegria geral. Comemos, brincamos e nos divertimos muito e até rolaram algumas brincadeiras como: verdade ou desafio e jogo da garrafa. Vários amigos pagaram micos e tiveram que seguir ordens malucas para poderem cumprir os desafios...

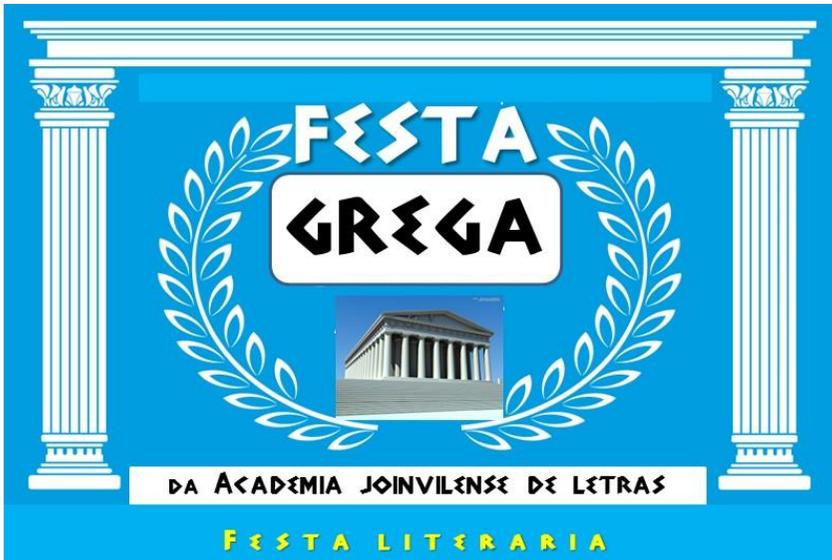
Ainda na estrada, já se conseguia ver o parque, meu coração começou a disparar de alegria e medo das alturas dos brinquedos. Dentro do ônibus, os grupos já estavam sendo formados, e aos poucos liberados com os seus passaportes para a entrada. Eu estava junto com minhas amigas, quando do nada vejo a entrada do parque. Ela era enorme, mesmo assim dava para se ver a Big Tower atrás da entrada, o que me deu pavor, pois tenho medo de altura.

Fomos a vários brinquedos muito legais como: a Fire Whip, carrinho de bate-bate, a xícara, o elevador e também visitamos várias “cidades e situações de povos diferentes”. Quando deu o horário do almoço, eu e minhas amigas fomos almoçar com os meninos da minha sala, que encontramos no caminho. Terminamos de comer e fomos aproveitar mais um pouco o parque. Perto das 18h assistimos ao show final, que estava lindo.

Acabou o show e fomos para o ônibus. A professora conferiu se todos estavam ali e partimos. Durante a viagem de volta, o motorista colocou várias músicas e todos cantaram,

divertindo-nos ainda mais. Como toda viagem de estudos, rolaram algumas situações desagradáveis, mas todas foram contornadas com uma pitada de bom humor e umas indiretas para as pessoas que estavam nos incomodando.

Cheguei à minha casa muito cansada e deitei direto na cama. Comecei a pensar no que aconteceu durante o dia e vi que nunca mais iria me esquecer dele, pois me diverti muito com meus amigos, enfrentei meus medos de altura e fui pela primeira vez ao Beto Carrero World.



POESIA – PROSA POÉTICA – MÚSICA AO VIVO - VÍDEO - DANÇA

Dia 13 de Julho, quinta-feira, às 19:30 hs

Na SOCIEDADE HARMONIA LYRA – Grande Salão

Rua 15 de novembro, 485

ENTRADA FRANCA

DANÇA DE SALÃO, para todos os presentes:



Programa – I PARTE

Abertura

Música

Poesia

Prosa poética

Homenagem ao acadêmico WILSON GELBCKE,
autor de 15 livros

Making off de "A TERCEIRA MOEDA", livro
de Wilson Gelbcke, pelo autor

Programa – II PARTE

Distribuição a todos os presentes do Suplemento Literário da Academia Joinvilense de Letras "HEKADEMEIA-8: Nosso Concurso Literário", contendo os trabalhos dos 18 estudantes vencedores do *Concurso Literário Carlos Adauto Vieira*, da AJL. Apresentação de poemas, memórias e contos vencedores, pelos alunos. Homenagem aos professores. Entrega do forno de micro-ondas à escola vencedora. Dança SIRTAKI para todos os presentes.



SESSÃO ORDINÁRIA: 11 de julho, 20 hs, na sala de reuniões